

Arcary, Valério. *O martelo da história: ensaios sobre a urgência da revolução contemporânea*. São Paulo: Editora Sundermann, 2016

Michelangelo Marques Torres¹

É sabido que a perspectiva crítica fundada no método de abordagem marxista não se contenta com a negação ou rejeição reducionista, mas a superação do objeto a se estabelecer a crítica, compreendendo seus fundamentos, condicionamentos e limites, bem como apresentando as contradições fundamentais de seu desenvolvimento. O pensamento marxiano opera por meio de uma crítica interna ao objeto, capturando seu movimento dinâmico e suas múltiplas determinações, ao constituir suas leituras clássicas e leva-las às últimas consequências a fim de demonstrar suas contradições, ocultações e insuficiências de análise. Ser crítico é ser radical, compreender a raiz do fundamento das coisas. Conforme a célebre passagem de Marx: “ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas para o homem, a raiz é o próprio homem” (MARX, 2005, p. 151). O livro *O martelo da história* parece realizar com êxito uma crítica verdadeiramente marxista às principais polêmicas teóricas que influíram sobre as variadas correntes marxistas desde os fins do século XIX, como o revisionismo, as variantes da teoria campista, o stalinismo, o reformismo e o centrismo.

O mais novo livro do professor e veterano militante trotskista Valério Arcary, publicado pela editora Sundermann, demonstra o estado de maturidade intelectual do autor e um imenso acúmulo teórico acerca das situações revolucionárias em perspectiva marxista. A centralidade da teoria para compreensão de processos revolucionários – com caracterizações finas sobre época, etapa, situação e conjunturas – localizam melhor o leitor interessado na relação entre reflexão intelectual e processos históricos revolucionários.

¹ Professor universitário, docente do quadro permanente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e doutorando em ciências sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

A educação trotskista nos ensina a analisar a realidade a partir da correlação de forças entre as classes e suas mediações. É o que faz Arcary ao interpretar as situações históricas de transformação social e as polêmicas que animaram o marxismo desde o último século. A investigação dos processos históricos em perspectiva marxista requer a caracterização de aspectos progressivos ou regressivos para o avanço das sociedades no caminho da justiça social e da emancipação humana. O autor nos ensina que o rigor científico da análise histórica deve estar acima das preferências políticas do pesquisador. O compromisso com a transformação da ordem societal não requer o uso de leituras “facilistas” da histórica ou mecanicista da realidade. Ao contrário, a história é um campo aberto de possibilidades, de avanços e recuos, de reformas, de situações pré-revolucionárias, revolucionárias ou reacionárias. A honestidade intelectual do pesquisador, ao apreciar a história, deve ser objetiva.

Centrado nas revoluções do século XX, a partir da perspectiva do desenvolvimento desigual e combinado, e antenado na nova situação mundial aberta no início do século XXI, o livro organiza-se em três partes. A primeira “Sobre a Teoria” trava algumas das principais polêmicas teóricas localizadas no campo da esquerda marxista, resgatando, no plano da análise crítica, autores do porte de Kautsky, Berstein e Rosa Luxemburgo, bem como os contemporâneos Mandel, Kurz e Mészáros, a fim de oferecer atualizações clássicas (ancoradas em Marx, Engels, Lenin, Luxemburgo e Trotsky) para uma teoria marxista da revolução. É nesta parte do trabalho que ganha fôlego as análises sobre as principais tendências no campo da esquerda mundial na primeira metade do século passado, como as variantes do centrismo e do reformismo. Centrado no debate sobre o tema da estratégia revolucionária, o autor destaca a importância do internacionalismo na luta pelo socialismo e atenta para as armadilhas teóricas rondam inúmeras tendências no interior do marxismo ao longo do século XX.

“Sobre a História” constitui a segunda parte da exposição, oferecendo análises históricas das ondas e situações revolucionárias na segunda metade do século XX, como a solitária Revolução Portuguesa de 1974-1975, o Maio de 1968 na França, as mobilizações populares no Brasil pelas Diretas Já, em 1984, e “a última onda revolucionária do século 20” representada pela derrubada do regime stalinista (URSS) e dos ex-estados operários burocratizados no Leste

Europeu, entre 1989-1991. Neste ponto, a análise inovadora do autor representa, talvez, o ponto alto do livro. Mais de 25 anos se transcorreram da restauração do capitalismo no chamado “socialismo real”. Ao refutar as interpretações de que a “queda do muro” tenha significado uma tragédia, Arcary sugere que tenha ocorrido uma onda revolucionária interrompida no Leste Europeu. Simultaneamente, ao identificar um processo de restauração capitalista na URSS desde os anos 1980, de signo histórico contrarrevolucionário, conduzido pela burocracia do PC nos estados satélites de Moscou, o autor reconhece um significado positivo e, portanto, progressivo (ainda que incompleto), nas rebeliões populares que derrubaram os regimes ditatoriais de partido único na Polônia, Hungria e Romênia. Estas, contudo, não foram além, não foram capazes de reverter o processo de restauração capitalista em curso, conduzido pelo próprio stalinismo.

Por outras palavras, a revolução política democrática não teve responsabilidade sobre a restauração capitalista, ao contrário. Esta teve um impacto regressivo na URSS e no Leste europeu, reduzindo os limites estratégicos da esquerda mundial às lutas de resistência. Sem dúvida o marxismo revolucionário contemporâneo está fadado a interpretar o real significado desses dois processos, dessa nova etapa aberta, que foi a derrubada dos regimes stalinistas e do stalinismo como aparato contrarrevolucionário mundial e a restauração do capitalismo. São dois processos de significados históricos opostos, segundo o autor. Conforme destaca Arcary, devemos interpretar “processos de signos históricos opostos – um progressivo, o outro regressivo – se desenvolveram, no contexto da luta entre revolução e contrarrevolução, sem exaltações inadequadas, e sem pessimismos desnecessários” (p. 175).

Na terceira e última parte do livro, “Sobre a crise”, investiga-se a relação e influência do tema da crise nas lutas sociais processadas no início do século XXI, em especial na América Latina e no Brasil, a partir da abertura de uma nova situação pós-jornadas de junho de 2013. Temas como a insurreição no Equador (2000), a situação argentina (2001), a tentativa de golpe contra Chávez na Venezuela (2002), mobilizações nacionais na Bolívia (2003-2005) e o golpe em Honduras (2009) são lembrados para caracterizar uma onda de mobilizações revolucionárias em escala continental, bem como a gestão do

Estado nestes e em outros países, como Uruguai e Brasil. A crítica ao lulismo e a identificação do fim do ciclo de regulação social do governo de colaboração de classes do PT merece destaque, a partir da referida nova situação aberta, no Brasil, desde 2013. A partir de então, Arcary se propõe a investigar o fim do lulismo e os dilemas da oposição de esquerda. É curioso que seu campo empírico se restringe ao ano de 2014, contudo a sobriedade de sua análise nos permite vislumbrar o desfecho da crise política de 2015-2016 na conjuntura nacional.

O livro de Valério Arcary não se limita à interpretação histórica, mas oferece hipóteses investigativas bastante sugestivas, dentre as quais a de que situações revolucionárias são mais prováveis no capitalismo contemporâneo. Ao diferenciar revoluções políticas de revoluções sociais, na esteira das orientações de Leon Trotsky ao utilizar as metáforas russas de “fevereiros” e “outubros”, o autor, com vasta erudição teórica, considera a relação dialética de distintos indicadores em processos históricos de transformação social, como a correlação de forças entre as classes, a situação política concreta e suas mediações, as organizações em luta, a batalha das ideias políticas, a temática das crises econômicas, a dinâmica do sistema mundial de Estados, o papel e o grau de deslocamento das classes médias, a divisão interna das classes dominantes, a polêmica distinção entre sujeito social e sujeito político das revoluções, o papel das direções, as mobilizações populares e de massas, os critérios para se classificar as revoluções, dentre outros.

O *martelo da história* reconhece os distintos ritmos dos processos revolucionários, desigualmente desenvolvidos. Vislumbrando os limites históricos do capitalismo o autor não deixa de considerar as limitações dos processos revolucionários em voga, sempre numa perspectiva marxista. Nesse sentido, tivemos muitas revoluções de fevereiro, muitas revoluções interrompidas, apesar da excepcionalidade da revolução de outubro. Entender os limites desses processos e suas potencialidades é imperioso, bem como é importante atentarmos para os variados tipos de reação das classes dominantes. Trata-se de um convite a se pensar o tema da revolução e sua urgência no século XXI. Afinal, revoluções são fenômenos mundialmente articulados.

Referência bibliográfica

MARX, K. *Crítica à filosofia de direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.